

O CÍRCULO HERMENÊUTICO

Adriana Maria Palermo BRISOLLA*

O círculo hermenêutico representa o circuito do nosso saber, do conhecimento, do pensamento e da própria ciência.

Compreender é uma operação essencialmente referencial; compreendemos algo quando o comparamos com algo que já conhecemos. Aquilo que compreendemos agrupa-se em unidades sistemáticas, ou círculos compostos de partes. O círculo como um todo define a parte individual, e as partes em conjunto formam o círculo. Por uma interação dialética entre o todo e a parte, cada um dá sentido ao outro; a compreensão é portanto circular. E porque o sentido aparece dentro deste círculo, chamamo-lo de CÍRCULO HERMENÊUTICO.

O círculo hermenêutico opera, não só em nível lingüístico como também em nível do tema em causa. Tanto o que fala como o que ouve devem partilhar a linguagem e o tema do seu discurso. Tanto em nível do médium do discurso (linguagem) como da matéria do discurso (tema), o princípio do conhecimento prévio - ou o círculo hermenêutico - opera em todo o ato de compreensão.

No caso específico da leitura - compreensão - interpretação de um texto escrito, o círculo hermenêutico funciona como um todo e com uma circulação relacional entre os três pólos do processo comunicativo:

- AUTOR
- TEXTO
- INTÉRPRETE

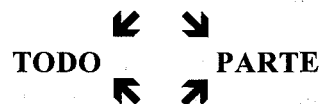
Para entendermos o efetivo funcionamento do círculo hermenêutico na prática da leitura e interpretação da escrita é necessário analisarmos

esses três pólos, considerando o círculo hermenêutico com relação:

1. somente ao texto;
2. entre o texto e o intérprete;
3. entre o texto e o autor.

1. O CÍRCULO HERMENÊUTICO DENTRO DO TEXTO

Considerando o círculo hermenêutico em uma dinâmica interna ao próprio texto, podemos nos basear em Verdade e Método de Gadamer, que nos através do ato da leitura o trabalho da hermenêutica, ou seja, que a análise do texto escrito nos ensina uma regra fundamental para qualquer interpretação: compreendem-se as partes singularmente a partir do todo, e ao mesmo tempo, o todo é compreendido a partir das suas partes constitutivas. As partes em sua totalidade e o todo composto das partes são ao mesmo tempo e reciprocamente determinantes e determinados, e portanto, podemos representar assim o círculo hermenêutico:



Gadamer propõe como exemplo a interpretação de um texto escrito em uma língua antiga (a tradução do grego clássico): primeiramente recolhe-se o todo de uma frase para fazer-se uma idéia, em um segundo tempo procura-se compreender e interpretar os elementos dos quais é composta a frase singularmente, estabelecendo assim um modo proporcional FRASE: TODO = PALAVRAS: PARTES

(*) Mestrando em Direito Processual Civil pela PUC-Campinas.

O trabalho de construção da frase, para buscar o seu significado, é conduzido por uma expectativa de sentido, que pode e deve ser extraída do contexto que antecede a frase em questão. A expectativa é sempre aberta para as modificações e correções, que aos poucos podem ser sugeridas ou impostas pelo próprio texto, uma vez traduzido.

Do outro lado, o significado conseguido pela frase contribui para reestruturar a expectativa de sentido para as outras frases que se sucedem no texto, objeto de tradução e interpretação.

Concluindo, teremos, então, que o todo identificado com a totalidade de sentido pela pré-compreensão (é aquela idéia que tínhamos feito do texto na primeira leitura), vem antecipadamente determinar as partes que o constituem, mas é também verdade que, uma vez que as tais partes (frases, mas antes ainda as palavras) assumem significados específicos, que por sua vez, determinam o todo.

É por este motivo que Gadamer conclui dizendo que: "o movimento do compreender vai continuamente do todo à parte e da parte ao todo".

Devemos considerar o fato que cada todo é também parte de uma totalidade mais ampla.

O que acontece é que inicialmente a interpretação provém de uma dialética ou movimento limitado entre todo e parte. Em seguida, visto em um contexto mais amplo, o todo pode e deve ser considerado ele mesmo como parte, que juntamente com outras constitui uma outra totalidade significativa.

2. TEXTO - INTERPRETE

Em Heidegger, tomamos conhecimento de que a compreensão/interpretação não tem somente o caráter técnico e metodológico, mas conquista valor ontológico, onde o "Sern" é aquele que compreende. A compreensão é o poder de captar as possibilidades que cada um tem de ser, no contexto do mundo vital em que cada um de nós existe. Ela não se concebe como algo que se possua, mas como um modo ou elemento do ser - no - mundo.

A compreensão é a base de toda interpretação; é contemporânea da nossa existência e está presente em todo o ato de interpretação.

A compreensão é assim ontologicamente fundamental e anterior a qualquer ato de existência. Contudo, a essência da compreensão não está na simples captação de situação de cada um, mas sim na revelação das potencialidades concretas do ser, no horizonte da situação que cada um ocupa no mundo.

A hermenêutica fenomenológica de Heidegger explora as implicações do círculo hermenêutico no que respeita à estrutura ontológica de toda compreensão e interpretação existenciais do homem. O ponto chave em Heidegger é que a compreensão se tornou ontológica.

Cada interpretação pressupõe não somente uma reflexão sobre o que é para ser compreendido, mas também a reflexão com atenção, autocontrole e autoconsciência do interprete sobre si mesmo, sobre seu próprio Ser.

A interpretação é simplesmente tornar explícita a compreensão. O fundamento da compreensão é anterior a toda a afirmação temática.

O papel da hermenêutica, portanto, não é só a utilização de um método, articulado em regras técnicas, que permitem a um sujeito conseguir um objeto que é contido no texto escrito, ou seja de obter um significado em modo científico e objetivo, mas a interpretação é determinada "pela" e "da" situação existencial na qual o intérprete se encontra.

3. RELAÇÃO ENTRE AUTOR E TEXTO AUTOR TEXTO INTÉRPRETE



A dinâmica do círculo é análoga àquela entre texto e intérprete. No momento em que o autor "diz", através daquilo que pronuncia em modo explícito, objetivo, entende particularizar e dar significado ao seu pensamento.

Quando escreve, o sentido especifica-se nos significados peculiares do texto, mas ao mesmo tempo nota-se um descarte de sentido entre o querer dizer e o efetivo significado intencionado. Eis então que o que se diz objetivado no texto deve ser considerado pelo próprio autor, que agora fica leitor e intérprete de si mesmo.

O fato de os intérpretes serem colocados a uma certa distância (temporal, cultural) do autor de uma obra, do seu mundo, constitui um grande problema. Como podemos preencher esta distância? Qual é a obrigação da hermenêutica filosófica em respeito às obras do passado, e também àquelas do nosso presente, na medida em que é sempre possível conferir uma distância entre autor e intérprete, como também entre intérprete e texto?

Gadamer propõe duas concepções hermenêuticas em confronto e entre elas faz uma escolha bem precisa. De uma parte temos a hermenêutica de Schleiermacher, que se baseia numa consciência histórica de tipo subjetivo, e da outra parte temos a hermenêutica de Hegel, que se fundamenta em uma hermenêutica de tipo objetivo.

"A hermenêutica como arte da compreensão não existe como uma área geral, apenas existe uma pluralidade de hermenêuticas especializadas". Esta asserção programática com a qual Schleiermacher abriu as suas conferências de 1819 sobre hermenêutica, enuncia, numa frase, o seu objetivo fundamental: construir uma hermenêutica geral como arte da compreensão.

Schleiermacher baseia-se na reconstrução, isto é, para compreender corretamente uma obra devem ser recuperados todos os elementos psicológicos, históricos, sociais, éticos, políticos, culturais, que constituem a estrutura do "mundo" que viu surgir a obra em questão. Para ele, a hermenêutica transforma-se verdadeiramente numa "arte da compreensão".

Em confronto a Schleiermacher, Hegel propõe uma hermenêutica de integração. Isto é usar o espírito pensante, aquele que compreende e interpreta a obra através da mediação do presente, da nossa existência, que constitui a condição *sine qua non* do inteiro processo. O passado, que é extra para nós, vem assim filtrado pelo nosso presente de intérprete, vem "lido" através de uma

grelha hermenêutica. A origem, como também o contexto originário, é aquele passado que não volta mais, e por isso para nós inacessível.

Para defender-se da acusação de subjetivismo, Gadamer, faz referência à tradição do pensamento e a sua transmissão histórica, que constituem elementos decisivos para superar o tempo e o subjetivismo.

CONCLUSÃO

O círculo hermenêutico exprime-se no movimento, que na interpretação, conduz das partes ao todo e do todo as partes, em um sucessivo e progressivo enriquecimento.

Para entender a parte de um texto devemos interpretar à luz do conhecimento do texto inteiro para depois voltarmos àquela parte. Do mesmo modo, o conhecimento de um texto deverá presumir o conhecimento da obra inteira do seu autor.

Este movimento "em horizontal" entre as partes não exige de um movimento "em vertical" (no tempo). De fato é impossível ler um autor em relação ao qual se criou uma certa distância, senão à luz das diversas interpretações que sobre a sua obra se sedimentaram, interpondo-se entre o autor e o atual leitor; derivando então o fato que o texto é qualquer coisa de autônomo que possui um ulterior significado, desconhecido pelo próprio autor.

BIBLIOGRAFIA

- D'ALESSANDRO Paolo, *Ermeneutica e Filosofia*, Edizioni Cuem, Milano, 1999;
- FERRARIS, Maurizio, *L'ermeneutica*, Editori Laterza, Bari, 1998;
- PALMER, Richard E., *Hermenêutica*, Edições 70, Lisboa, 1997;
- RICOUER, Paul, *Interpretação e Ideologias*, Ed. Francisco Alves, RJ, 1988.